

RACISMO

O Estado racial é o elefante na sala

Integração? Assimilação? Que oferecem as sociedades às minorias?

CRISTINA PERES

“Como é que os europeus excluem tão facilmente o resto do mundo?”, perguntava o sociólogo Boaventura Sousa Santos durante o Colóquio Internacional que juntou, nesta semana, em Lisboa, peritos em estudos sociais, de etnicidade e racismo da Alemanha, Dinamarca, Espanha, Itália, Portugal e Reino Unido.

Lembrando as práticas que perpetuam o racismo e o modo como as sociedades pós-coloniais “apagaram” as questões raciais do discurso oficial e da legislação, o sociólogo e diretor do Centro de Estudos Sociais (CES, parte nacional neste projeto), esclareceu que este estudo, tentando compreender a lógica do racismo na Europa contemporânea, pretende influenciar as políticas públicas. Para tanto, referindo-se ao papel da sua área de trabalho no diálogo com o poder, Boaventura Sousa Santos assumiu: “Há que começar por descolonizar as ciências sociais que têm sido proeminentes na determinação dos assuntos sociais. Temos de desenhar práticas de investigação que permitam às pessoas experimentar o mundo como sendo seu”.

Racismo e imigração é uma as-

sociação difícil de desfazer em sociedades pós-coloniais cujos processos de descolonização territorial ocorreram, mas onde o racismo “está historicamente enraizado no conhecimento”, como referiu o diretor do CES.

“A descolonização de um país (como Portugal) não termina no corte com a geografia e os recursos. A parte psicológica é a descolonização mais difícil. Sem isso nada avança, vive-se numa terra de fantasmas”, disse ao Expresso Salman Sayyid, professor da Universidade de Leeds.

Academia, Governo e rua

Em plena crise económica, não é evidente fazer passar a informação sobre assuntos de fundo como a resistência oferecida ao antirracismo. Mas é neste universo geográfico, em que se multiplicam os “refugiados económicos” e em que a mobilidade de pessoas e bens tenderá a ser cerceada, que é mais fácil experimentar a discriminação.

“Perante dificuldades de trânsito, mudam-se os sinais. No racismo há que mudar a filosofia, reconhecendo que é difícil alterar o próprio meio em que as questões são formuladas”, disse Sayyid. É por isso que não é fácil fazer fluir

PÓS-COLONIALISMO

“Depois de descolonização do império europeu, falamos de descolonização da Europa no sentido em que ela está a deixar de ser o centro do mundo. Não é uma coisa de que a Europa abra mão, está a ser-lhe tirada”

SALMAN SAYYID

Professor do Centro de Etnicidade e Estudos de Racismo da Universidade de Leeds, Reino Unido

a comunicação entre os três vértices do triângulo que poderão inscrever as alterações na sociedade, a academia, o poder político e a sociedade civil. Para já, como diz Boaventura Sousa Santos, é óbvio que “o preconceito da rua e o preconceito das instituições não dialogam”.

A conferência “(Anti-)racismo e intervenções críticas na Europa — Ciências Sociais, desenvolvimen-

tos de políticas e movimentos sociais” representou o culminar de dois anos de investigação nos contextos dos países europeus citados no âmbito do “Tolerance — As semânticas da tolerância e do (anti)racismo: organismos públicos e sociedade civil, uma perspetiva comparada”, um projeto financiado no âmbito do 7º programa-quadro da Comissão Europeia. O principal objetivo do “Tolerance” foi explorar como é que os diferentes sentidos dados ao racismo, ao antirracismo e à tolerância se formam com a mediação de corpos sociais e políticas a nível europeu, nacional, regional e local.

A islamofobia ou as perseguições dos ciganos são faces mais visíveis de uma questão subterrânea que impede a sociedade de mudar no sentido da aceitação do “outro”. Entre as conclusões do “Tolerance”, compiladas numa publicação que reúne recomendações aos responsáveis políticos, “estes não investem num controlo sistemático da discriminação racial e do modo como ela afeta as oportunidades dos imigrantes e das minorias”.

cperes@expresso.impresa.pt

LEIA MAIS EM
www.expresso.sapo.pt/salmansayyid2013